

A VARIEDADE DO PORTUGUÊS ANGOLANO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA 10ª CLASSE

Pedro Kiuma Da Silva¹

Gislene Lima Carvalho²

RESUMO

O português angolano é uma variedade falada pelos cidadãos locais em região nacional na qual reflete a realidade linguística do país e que representa a identidade e a cultura deste povo. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar como as questões da variedade do português angolano estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª Classe do ensino secundário adotado em Angola. Desse modo, para darmos conta do objetivo, os fundamentos teóricos usados foram os postulados dos autores: Timbane e Santana (2021), Zau (2011), Bagno (2007), Cabral (2005), Bernardo (2017), Undolo (2016), Antunes (2012), Nunes (2018), Santana (2022) para abordarmos o português angolano, variedade linguística, léxico e a cultura. A pesquisa é de cunho qualitativo e documental por se tratar da análise da obra *língua portuguesa 10ª classe* de Olga Magalhães e Fernanda Costa (2012). Buscou-se descrever como a variação lexical do português angolano está presente no livro didático, investigar de que modo são tratadas as regras gramaticais no contexto de variação linguística e apontar de que maneira são mencionadas, no livro didático, as influências do léxico das línguas nacionais que existem no país. Os nossos resultados apontam que a variedade do português angolano está sendo manifestado de modo superficial com percentual pequeno de expressões nos textos dos escritores angolanos e estrangeiros, quanto os níveis de variabilidade estão presentes nas variações lexicais e semânticas. Apesar disso, identificou-se que não existe nenhum tópico no livro que explica a variação linguística. Em razão disso, prioriza abordagem com base na gramática tradicional do português europeu. Em relação às línguas nacionais encontrou-se apenas o Kimbundu, sem explicações prévias, deixando as demais línguas de fora, por ser aquela que mais empréstimo tem dado e influenciado o português angolano.

Palavras-chave: Variedade do português angolano. Livro didático. Ensino.

ABSTRACT

Angolan Portuguese is a variety spoken by local citizens in a national region in which it reflects the linguistic reality of the country. In this sense, the present work aims to analyze how the issues of the Angolan Portuguese variety are being addressed in the textbook of the Portuguese language of the 10th. Secondary school class adopted in Angola. Thus, to achieve the objective, the theoretical foundations used were the postulates of the authors: Timbane e Santana (2021), Zau (2011), Bagno (2007), Cabral (2005), Bernardo (2017), Undolo (2016), Antunes (2012), Nunes (2018), Santana (2022) to approach Angolan Portuguese and linguistic variety, lexicon and culture. The research is qualitative and documentary in nature because it is the *10th Portuguese language work. class* by Olga Magalhães and Fernanda Costa, as we sought to describe how the levels of variability of Angolan Portuguese are manifested in the textbook, to investigate how grammatical rules are treated in the context of linguistic variation., to point out how they are mentioned, in the textbook, the influences of the national languages that exist in the country. Our results indicate that the variety of Angolan Portuguese is being manifested in a superficial way with a small percentage of expressions in the texts of Angolan and foreign writers, as the levels of variability are present in lexical and semantic variations. Despite this, it was identified that there is no topic in the book that explains linguistic variation. As a result, it prioritizes an approach based on the traditional grammar of European Portuguese. Regarding national languages, only Kimbundu was found, without previous explanations, leaving out the other languages, as it is the one that has borrowed the most and influenced Angolan Portuguese.

Keywords: Variety of Angolan Portuguese. Textbook. Teaching.

¹ Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: pedrokiuma2011@hotmail.com

² Orientadora. Professora Adjunta do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: gislenecarvalho@unilab.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Angola situa-se no sudoeste do continente africano, no hemisfério sul, em que constam países da África Austral. O território angolano organiza-se em dezoito (18) províncias, designadamente: Bengo, Bié, Benguela, Cabinda, Cunene, Huíla, Huambo, Kwanza-Sul, Kwanza- Norte, Kuando Kubango, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire. Cada província apresenta diferenças linguísticas e culturais, o que faz de Angola um país multilíngue e multicultural, o que não difere de outros países africanos

Para além do português, língua oficial, coabitam cerca de vinte (20) línguas nacionais. Destacamos, na sequência, as que possuem maiores percentagens de falantes: Umbundu (22,96%), Kikongo (8,24%), Kimbundu (7, 82%), Chokwe (6,54%), Nhaneca (3,42%), Nganguela (3,11%), Fiote (2,39%), Kwanhama (2,26%); Muhumbi (2,12%), Luvale (1,04%) e outra língua 3,6% de acordo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016).

A língua portuguesa chegou em Angola através do processo de colonização. Em território angolano, deu-se o contato entre o português e as línguas nacionais e as influências entre as línguas deu origem ao que chamamos Português Angolano (PA), ou seja, a variedade da língua portuguesa, com características próprias, falada em Angola. Contudo, a variedade do português que circula no ensino, nos meios convencionais e, logo, é institucionalizado é o Português Europeu (PE). Devido a isso e cientes das particularidades do PA, este trabalho busca responder a seguinte questão: como as questões da variedade angolana estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª classe do ensino secundário adotado em Angola?

Diante disso, formulou-se as seguintes perguntas específicas: Como a variação lexical do português angolano estão manifestados no livro didático? Como são tratadas as regras gramaticais no livro didático em contraponto à variação linguística? E de que maneira são mencionadas, no livro didático, as influências do léxico das línguas nacionais que existem no país?

Nosso objetivo, nesta pesquisa, é, portanto, analisar como as questões da variedade do português angolano estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª classe do ensino secundário adotado em Angola. Tal objetivo desdobra-se em três objetivos específicos, primeiro: descrever como a variação lexical do português angolano está presente no livro didático; segundo: investigar de que modo são tratadas as regras gramaticais no contexto de variação linguística; Terceiro: apontar de que maneira são mencionadas, no livro didático, as influências do léxico das línguas nacionais que existem no país.

A pesquisa justifica-se, sobretudo, no fato de ser uma temática ainda pouco explorada e que dispõe de um número reduzido de estudos relacionados ao livro didático sobre o cenário sociolinguístico de Angola, ainda que encontremos conjunto de trabalhos relevantes acerca da temática, dentre os quais destacamos: Mingas (2000), Miguel (2003), Nzau (2011), Undolo (2014), Adriano (2014), Lussevicieno (2014), Bernardo (2017), Undolo (2019) e Timbane e Santana (2021). No entanto, os autores, nos seus estudos, restringem-se à comparação entre português angolano e o europeu. Pensando nisso, propomos, neste trabalho, analisar a variedade do português angolano no livro didático, visto haver, ainda, certo desconhecimento da variedade angolana no país no que se refere às suas especificidades a nível lexical.

A relevância social está em contribuir no intuito de diminuir a estigmatização e o preconceito linguístico causado pela imposição da variedade europeia e prevalência de uma gramática que não contempla a variedade angolana, visto que a preocupação foca no ensino da gramática normativa e trazer uma discussão acerca da importância da introdução das características do PA no ensino da língua.

Para melhor compreensão do leitor, estruturamos o trabalho com as seguintes seções: (1) - Introdução; (2) - Língua portuguesa em Angola: status e ensino; (3) – Léxico e Cultura; (4) - O livro didático em Angola; - (5) Metodologia e (6) -Resultados e discussões, seguido das considerações finais.

2 A LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA: STATUS E ENSINO

A Constituição da República de Angola, no artigo 19º, afirma que “a língua oficial da República de Angola é o português”. (ANGOLA, p. 09). Diante do exposto, o português é, portanto, língua oficial e de escolarização e, também, a língua mais falada e legitimada no âmbito da administração pública, atos políticos, tribunais, comunicação social, discursos oficiais e ensino. No entanto, o português que se tornou oficial não corresponde à realidade linguística do país.

O português institucionalizado em território angolano é o europeu, por isso adotou-se para ser utilizada como língua de unidade nacional. De acordo com (INE, 2016), o português possui 71% de falantes no país, esse percentual de falantes não falam o português europeu e sim o português angolano, variedade que se estabiliza devido a influências das línguas nacionais angolanas e que é, igualmente, língua de convivência diária entre os cidadãos.

Bagno (2007b, p. 57) conceitua que “uma variedade linguística é o modo de falar a língua característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica”. Cabe ressaltar que o português falado no espaço angolano se diferencia do modelo linguístico europeu. Portanto, a variante angolana que muitos linguistas locais (e não só) discutem já faz parte dos usos dos cidadãos angolanos e está em construção para o processo da normatização.

Em uma concepção recente, Timbane e Santana (2021, p. 65) defendem que o Português Angolano (PA) “é uma variedade falada no espaço geográfico de Angola e que reflete as experiências e particularidades culturais e sócio-históricas do povo angolano”. Partindo dessa observação, o português angolano transborda aspectos linguísticos do cotidiano dos cidadãos e é distinto da norma linguística regida no país e que não condiz com a realidade linguística angolana.

Zau (2011) explicita que o português falado na contemporaneidade em Angola é uma variante que expressa “angolanidade”, influenciada pelas línguas africanas, contém melodia e sonoridade própria. Ainda dentro desses argumentos, na conjuntura angolana, o português expressa uma série de situações típicas que refletem a cultura e línguas nacionais, relativamente: a entoação fonética -fonológica, o léxico, a semântica, a morfologia e a sintaxe com suas características.

Cabral (2005) defende que a variedade europeia é privilegiada no sistema educacional, pelo motivo de a variedade angolana não está normatizada. Como afirma o autor, nos últimos trinta anos aumentou o número de educadores e alunos que em nada se identificam com a variedade europeia. Isso tem causado sobressaltos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos em território nacional, por não haver identificação por parte do público.

De acordo com a Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino, n.º 17/16, de 7 de outubro, artigo 16.º, n.º 01 e 02, lê-se “o ensino deve ser ministrado em língua portuguesa”.

O Estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e generalização da utilização no ensino, das demais línguas de Angola, bem como da linguagem gestual para os indivíduos com deficiência auditiva. (LEI DE BASES DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 03).

Diante do exposto, o Estado angolano deveria garantir o ensino das línguas nacionais, porém no processo de sua materialização, há pouco efeito nas escolas, atendendo que o português europeu continua privilegiado com relação às línguas nacionais. Por causa disso, a política de ensino das línguas nacionais é colocada em segundo plano no sistema de ensino geral, uma vez que estas não estão presentes no processo de ensino nem nos materiais didáticos

usados para este fim, dificultando o reconhecimento de como estas línguas influenciam e caracterizam o PA.

Ressaltamos que o contato do português com as línguas nacionais de origem *bantu* que coexistem no espaço geográfico angolano originou ao português que se fala no país, fruto das convivências entre as línguas nacionais e o português europeu. Undolo (2019) evidencia que o português angolano se compreende como conjunto de dialetos do português nacional. O termo dialeto, aqui, designa um conjunto de variações no plano de pronúncia, vocabulário, sintaxe de cada grupo social de um país.

Diante desse cenário, Inverno (2008) aborda que

[...] é importante sublinhar que, contrariamente à ideia implícita no discurso de governantes e meios de comunicação social, a variedade do português que se tem vindo a generalizar não é a variedade padrão europeia, mas sim uma variedade vernácula do português resultante do contacto com as línguas africanas. (INVERNO, 2008, p. 118)

Como afirma o autor, no contexto de Angola, a língua que abrange todos os angolanos a nível nacional é o português angolano, verifica-se que os cidadãos usam para se comunicarem quotidianamente. Portanto, em Angola, aponta-se que estão em circulação dois modelos de português, o primeiro português europeu, adotado pelo Estado, o ideal, normatizado no ensino, administração e comunicação social. O segundo, o português angolano, o real que corresponde à realidade linguística dos contanto que se expressa em circunstâncias rotineiras em concordância com entendimento de Undolo (2016).

A partir dessa perspectiva, Undolo (2019) ilustra que:

[...] por exemplo, ouvir um apresentador *pivot* do telejornal da TPA não é a mesma coisa se ouve um apresentador *pivot* do telejornal da RTP. Nitidamente percebe-se, mesmo sem olhar para o ecrã, que um é cidadão angolano, e outro é português. Porém, as diferenças sentidas não fazem do cidadão angolano menos competente do ponto de vista de performance do que o cidadão português. (UNDOLO, 2019, p. 24, grifo do autor).

Partindo disso, consegue-se reconhecer que esses dois falantes advindos de dois povos e culturas distintas, não falam português de modo igual, diferenciam-se quanto da atuação linguística com particularidades. Dessa forma, Undolo (2016) enfatiza que um falante nativo do português angolano e aquele não nativo, conseguirá de reconhecer a sua variedade e as outras variedades devido à existência da variação linguística.

Considerando o contexto da língua portuguesa no território angolano, acreditamos que o ensino da língua portuguesa esteja alinhado a modelos tradicionais da gramática normativa do português europeu. Observa-se que, a valorização excessiva da gramática tradicional praticada pelos professores ao ensinarem os alunos, baseiam-se em nomenclaturas gramaticais, impossibilitando o ensino reflexivo da língua que não esteja afinado na metalinguagem.

Nesse sentido, Bernardo (2017) informa que:

O ensino da língua portuguesa em Angola, hoje, não passa de uma descrição de categorias gramaticais. Isso inibe o aluno de contribuir com suas práticas de uso diário da língua. As categorias gramaticais que são estudadas acabam por limitar o aprendizado, despreza-se o processo evolutivo e dinâmico da língua e se reforça uma abordagem de ensino de língua alheia à realidade de uso, assumindo a língua como entidade homogênea, o que não reflete a verdade. (BERNARDO, 2017, p. 49).

Conforme depreendemos acima, a realidade angolana é heterogênea e não homogênea, os docentes promovem o ensino de língua portuguesa, só em uma perspectiva, não reconhecendo as variedades locais e dificultam o processo de aprendizagem dos alunos.

O Estado precisa desenvolver políticas que olhem para realidade linguística do país e o professor é chamado a abandonar o ensino pautado unicamente para a norma culta, dando aos alunos um ensino voltado para a realidade da língua (BERNARDO, 2017). Para isso, o Estado precisa investir na capacitação do corpo docentes de língua português em exercício das escolas públicas do país, formando professores capazes de ensinar a variedade angolana do português.

Ainda a esse respeito, Timbane e Santana (2021) apontam que a escola mantém o ensino de língua voltado para a aprendizagem de regras gramaticais e leva em conta unicamente a norma padrão como a variedade a certa. Para isso, são utilizados dicionários que apresentam o léxico e a semântica da variedade europeia, o que causa um distanciamento com a realidade angolana.

Isso mostra que o ensino da língua portuguesa se foca na gramática normativa e tudo que vir ao contrário dela é marcada de errado. É essencial que haja reconhecimento da diversidade linguística pertencente à sociedade angolana, de forma que as variações linguísticas sejam demarcadas, pois a língua agrega valores socioculturais dos falantes. (Bernardo, 2017).

Ainda segundo Timbane e Santana (2021) o português angolano é desconsiderado, na visão das escolas angolanas, as variedades angolanas são expressões mal faladas e passíveis

de marginalização no ambiente escolar e social. Desse prisma, Zilles e Faraco (2015) propõem que os professores desenvolvam uma pedagogia inerente à variação, reconhecendo que não existem erros em usos dos falantes na sua língua materna, tem que se desconstruir as viés equivocadas no espaço escolar em que se trabalha com língua.

É pertinente que os professores considerem os conhecimentos linguísticos e culturais trazidos pelos alunos de outros meios sociais que estão inseridos. Dessa maneira, evita-se a discriminação e a marginalização daqueles que não têm domínio do português padrão.

Após a contextualização da língua portuguesa em Angola e seu ensino, no tópico seguinte, abordaremos a sociolinguística e alguns de seus conceitos relevantes para a análise proposta neste artigo.

3 LÉXICO E CULTURA

Antunes (2012) postula que o léxico de uma língua é um conjunto de palavras usadas por falantes de uma determinada comunidade linguística com a intenção de estabelecer a comunicação. Afonso, Timbane e Santana (2019) argumentam que o léxico é compreendido como um conjunto de palavras presentes na língua. As palavras que existem em determinada língua, as que aparecem nas entradas dos dicionários ou que fazem parte do uso dos falantes, constituem uma parte dessa língua, conforme os autores.

Nunes (2018, p.41) afirma que o léxico é uma importante parcela da língua porque armazena a essência do significado dos enunciados e guarda os aspectos sócio-históricos e culturais do povo que o utiliza. Assim, entendemos que o léxico também é o conjunto de palavras de uma língua que abarca a história e a cultura de um povo específico, pois não podemos falar da língua e separá-la de questões culturais.

Segundo Quivuna (2013), o léxico é o elemento da língua que mais sofre transformações. À vista disso, compreende-se que as modificações no seio do léxico, podem ser observadas na língua por via da gramática, especificamente na sintaxe, morfossintaxe, aspectos gramaticais diversos e nas informações etimológicas (PONTES, 2009). Defendemos, assim, como Antunes (2012, p. 28) explica, que se não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua.

Por essa concepção, é importante deixar claro que ao estudarmos o léxico de qualquer língua, não podemos dissociá-lo da gramática, dado que se um indivíduo dominar apenas o léxico de uma língua, sem dispor o domínio da gramática, esse indivíduo quanto

estiver a falar, produzirá frases agramaticais. Em função disso, se acontecer o oposto, de o indivíduo dominar o léxico e ter domínio de gramática, veremos que produzirá um discurso que será perceptível por todos que dominam aquela língua.

Nunes (2018) elucida que é através do léxico que dominamos tudo que existe no mundo, seja numa perspectiva concreta ou abstrata, os aspectos culturais de uma comunidade de falantes são revelados, pois trazem consigo os significados capazes de expressar informações, opiniões, fatos sobre o mundo que o rodeia e o reflexo de suas tradições. Como se percebe que para além da estrutura gramatical, lexical, os aspectos culturais devem ser considerados.

Antunes (2012) explicita que todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa. A autora ainda acrescenta que abordar a respeito do léxico envolve dois processos, o de deslexicalização e o de lexicalização. O primeiro ocorre quando o uso de uma palavra é abandonado pela maior parte da comunidade linguística. No caso do português angolano, este processo pode ser exemplificado no uso de “*tás armado*” por “está pensando”, de acordo com Afonso, Timbane e Santana (2019). Visto que na época atual, a maior parte dos falantes não utilizam *lexia*, ou seja, a expressão *está pensando*.

No tocante a isso, fica evidente que no contexto angolano esse processo contribui de forma significativa para que os cidadãos se comuniquem com palavras que fazem parte da variante angolana. Do outro lado, temos a lexicalização, que ocorre quando as comunidades linguísticas decidem criar palavras com o propósito de nomear coisas. Dado que este processo serve para recriar palavras existentes na sua língua, bem como se apropriar de palavras que pertencem a outras comunidades linguísticas.

Segundo Nunes (2018) a cultura é um processo coexistente em toda a sociedade, quer ela seja urbana, rural, privilegiada ou desfavorecida. Pois através dela, conhecemos as particularidades de cada grupo social ou comunidade, porque cada grupo possui seus próprios costumes e padrões de aceitação ou de rejeição. Afonso, Timbane e Santana (2019) esclarecem que qualquer língua que seja só faz sentido se for compreendida dentro do meio cultural, conforme pontuamos anteriormente não se pode dissociar a língua da cultura, pois as duas estão estreitamente ligadas.

De acordo com Kialanda et al. (2019, p. 78), “a língua está ligada à cultura, e a cultura é muitas vezes expressa pela língua, daí o termo *cultolinguística*, definido como o estudo das relações entre língua e cultura. Nesse ínterim, o português angolano e as línguas nacionais que existem nesse espaço geográfico representam a identidade cultural e linguística do povo,

pois carregam traços identitários, os costumes, modo de falar, agir e estar dos diferentes que as falam, em consonância com Santana, 2022.

Após explanarmos uma visão geral do léxico e cultura, no próximo tópico abordaremos acerca do livro didático em Angola, de modo a percebermos a implementação dele no ensino.

4 O LIVRO DIDÁTICO EM ANGOLA

O Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação – INIDE - é o órgão do Ministério da Educação responsável pela elaboração e distribuição dos manuais didáticos aprovados para ensino geral. A Lei de Base do Sistema de Ensino de (2016), no artigo 31º, afirma que o ensino geral se organiza em ensino primário (1ª a 6ª classes), ensino secundário do 1º ciclo (7ª, 8ª e 9ª classes) e o ensino secundário do 2º ciclo (10ª, 11ª e 12ª classes).

A reforma educativa em Angola perpassou por várias fases nas quais se destacam: fase da experimentação (2004-2010), fase de avaliação e correção (2005-2010), fase da generalização (2006-2010) e a fase da avaliação global (2012) de acordo com o Ministério da Educação - MED (2014). Em vista dos nossos objetivos de análise de material didático, aqui trataremos da fase de avaliação global, pois o livro didático foi publicado nesse período.

A fase da avaliação global se pautou na realização de uma avaliação ao Sistema de Educação que compreenderá os currículos, o processo de ensino/aprendizagem, corpo docente e discente, administração, gestão e recursos materiais conforme (MED, 2014, p. 05). Essa fase oportunizou a implementação de novos livros didáticos que veiculam nas escolas do país.

A reestruturação no sector da educação propiciou na lei de base a reformulação da educação em todos os sectores traçados dentre as quais temos: 1º a expansão da rede escolar; 2º a melhoria da Qualidade de Ensino; 3º o reforço da eficácia do sistema de educação; e 4º a equidade do sistema de educação. Desta forma, para melhoria da qualidade do ensino são elencados vários pontos, mas enfatizaremos, exclusivamente, dois: a) melhoria da qualidade e quantidade de manuais escolares; b) melhoria do trabalho metodológico dos professores.

O livro didático analisado é de autoras angolanas, mas a produção faz-se em Portugal, logo a variante presente é a do português europeu, há pouca frequência de traços linguísticos do português do angolano, conforme veremos na análise. Vale destacar que a língua

portuguesa não é acessível de igual modo aos alunos, principalmente para aqueles que não o têm como primeira língua.³

Além disso, as metodologias empregadas pelos professores no ensino de língua portuguesa em Angola, estão voltadas em métodos tradicionais de ensino e o estado angolano é chamado a abandonar o ensino conservador de acordo com (BERNARDO, 2017).

O decreto presidencial n.º 311/14) assegura que:

Considerando que o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação — INIDE é um Instituto Público vocacionado ao estudo e acompanhamento do desenvolvimento do sistema de educação, visando garantir a qualidade e a excelência no ensino primário e secundário [...];
O INIDE tem a missão de coordenar, executar e monitorar as políticas de investigação pedagógica, conceber e elaborar estudos, currículos e outros materiais pedagógicos, que permitam a realização e aperfeiçoamento permanente do processo docente-educativo nos níveis de ensino primário e secundário. (ANGOLA, 2014).

No entanto, nota-se ineficácia pelo órgão que é lhe incumbido a missão de revisão de conteúdos, fiscalização e distribuição dos manuais escolares. Alusivo ao conteúdo no livro didático. Nesse sentido, Timbane e Santana (2021) apontam que:

A inexistência do ensino da variação linguística nas escolas angolanas é uma realidade, basta olhar para os manuais escolares do 1º ao 12º ano. Esses manuais (livros) escolares não têm nenhuma unidade ou capítulo destinado ao debate sobre a variação linguística. Quer dizer, para esse ensino do português, a variação linguística não existe e não merece ser debatido. O ensino continua atrelado à concepção maniqueísta que situa a língua “correta” e a língua “errada” em lados totalmente opostos. (TIMBANE; SANTANA, 2021, p. 74).

Em consideração a isso, nos livros didáticos de língua portuguesa não existe nenhum tópico que aborda a respeito da variação linguística, conforme se confirmou em nossa análise, para ampliar o repertório linguísticos dos alunos do ensino geral do país, de modo particular do ensino médio da 10ª classe. Em função disso, recomenda-se incluir nos manuais didáticos conteúdos que discutem a respeito da variação, desconstruir as visões de certo e errado e substituí-las por adequado e inadequado (BORTONI-RICARDO, 2004).

No tocante à política de distribuição e aquisição dos livros didáticos em Angola, a gratuidade é no ensino primário de 1ª a 6ª classe, segundo a lei de base de sistema de ensino (2016), artigo 11º:

³ A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade de acordo com (SPINASSÉ, 2006, p. 05).

O ensino primário é gratuito, quer no subsistema de ensino geral, quer no subsistema de educação de adultos. O pagamento da inscrição, da assistência às aulas, do material escolar e do apoio social nos restantes níveis de ensino, constituem encargos para os alunos. (LEI DE BASES DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 3).

A referida lei dá garantia da gratuidade do ensino, o acesso às aulas e dos manuais didáticos, no entanto a execução tem sido ineficaz, por ainda existirem livros didáticos à venda nos mercados informais e isso prova a falta de fiscalização, política adequada de distribuição do livro didático pelos dos órgãos competentes.

A ministra da educação Luísa Maria Alves Grilo em entrevista concedida ao Telejornal da TPA (Televisão Pública de Angola) apontou que:

Há um acordo que foi assinado entre nós o ministério da educação, editoras e gráficas e os números foram distribuídos, devidamente assinalados por editoras e por gráficas, como livro está codificado também vamos saber quem é a editora e quem foi a gráfica que reproduziu, aquele manual de que província é, e como está no circuito paralelo, nós também estamos a trabalhar com AGT, no sentido de controlar as entradas, sobretudo do exterior para ver de fato se há de fato produção paralela no exterior, o estado gasta soma avultadas para produção de manuais escolares de 12 mil milhões de Kwanzas, eles são para ser entregues às comunidades gratuitamente, então, não podem pôr os livros a circular para serem vendidos.⁴

Existindo a lei que pauta a gratuidade, não entendemos os motivos pelos quais os manuais se encontram à venda, sendo que dificulta o acesso dos alunos que não têm condições financeiras de aquisição. Nesta acepção, é crucial que cumpra a distribuição de modo gratuito dos livros e fiscalizada pelo Ministério da Educação.

Após essa visão geral do livro didático em Angola, no tópico a seguir apresentamos a metodologia do trabalho.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativa que de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 31-32),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...] Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 31-32).

⁴ Ministra da educação de Angola falando sobre o concurso público e o ano letivo 2021-2022. Disponível em: <https://youtu.be/PTuHK9IViU4>. Acesso em: 21. fev.2022.

Escolhemos essa caracterização porque enquadra-se com os objetivos do presente estudo, propondo-se analisar como as questões da variedade do português angolano estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª classe do ensino secundário adotado em Angola.

Grosso modo, o estudo configurou-se a partir de viés descritivo, desenvolvemos seguindo os critérios metodológicos apontados por Gil (2007): primeiramente, realizou-se o levantamento bibliográfico para discutir acerca do tema a fim de facilitar a nossa pesquisa. Para o processo de coleta dos dados obtidos, adotamos a pesquisa documental de acordo com Fonseca (2002). Em virtude de trata-se do livro didático *Língua portuguesa 10ª classe* de Olga Magalhães e Fernanda Costa (2012).

Após a seleção do livro didático, para análise do manual didático, estabelecemos as seguintes categorias de análise: os níveis de variabilidade do português angolano; tratamento das regras gramaticais em contexto de variação linguística e a presença de influências das línguas nacionais existentes no país. Para melhor visualização e organização dos dados, adotamos elaboração de quadros para cada critério.

O procedimento de levantamento do corpus foi realizado a partir da observação e leitura completa do livro didático, analisou-se página por página do manual, para obtermos os dados pretendidos. Após isso, selecionamos textos de escritores angolanos e internacionais para analisar os níveis de variabilidade do português angolano.

Seguidamente, selecionamos novamente dois textos de escritores portugueses e quatro propostas de atividades que tiveram como textos dos escritores angolanos com finalidade de observarmos como são tratadas as regras gramaticais em contexto de variação linguístico no livro didático. Para este objetivo, elaboramos também quatro quadros dos exercícios de compreensão e funcionamento da língua extraída do livro que mostraremos como exemplos na seção de análise dos resultados.

Por último, selecionamos dois textos de escritores angolanos que contêm expressões de línguas nacionais falada no país, para esse fim, elaborou-se o quadro (8) que contém palavras pertencem a língua nacional angolana que se faz presente no livro didático em que apresentaremos na seção de análise dos resultados.

5.1 APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

Para efeito de análise, selecionamos o livro didático pelo motivo de ser um material fundamental no auxílio e de otimização dos alunos nas atividades escolares dentro e fora da

sala de aula, sobremaneira que aprimoram nos alunos domínios da língua em diversas circunstâncias e a possibilidade de conhecer outras modalidades que a língua se apresenta.

Ademais, porque é o livro do ensino geral, do primeiro ano do ensino médio em todas as escolas do 2º ciclo do Ensino Secundário de Angola (públicas e privadas). Conforme a Lei de Bases do Sistema de Educação (2016), no artigo 105º.

Os currículos, planos de estudos e programas de ensino e os manuais escolares para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Primário e o Ensino Secundário têm carácter nacional e são de cumprimento obrigatório nos termos a aprovar pelo Titular do Poder Executivo. (LEI DE BASES DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 16).

O livro didático intitulado Língua Portuguesa 10ª classe, tem como autoras Olga Magalhães e Fernanda Costa, publicado pela Porto Editora, tem 288 páginas distribuídas em três unidades. O manual está organizado em três unidades temáticas, embora inicie-se com a unidade zero, denominada: reflexões sobre a língua portuguesa. No final de cada unidade do livro há uma ficha informativa em que integram atividades de oficina de escrita, funcionamento da língua na seção intituladas: ler e compreender.

No final do livro, encontra-se a seção designada de bloco informativo na qual pontua questões da gramática. Neste sentido, o presente livro didático a sua organização centraliza o ensino em: leitura, escrita e gramática.

Em seguida, temos a primeira unidade, intitulada: textos informativos diversos, a segunda unidade, texto lírico, a terceira unidade, texto narrativo, e por último, bloco informativo. Na unidade zero, o livro didático relata discussões relacionadas a respeito da língua portuguesa no universo realçando a mudança que ocorre na língua, mas visão da realidade de Portugal.

A primeira unidade, que se compõem nos diversos textos na maioria dos escritores internacionais, as autoras preocuparam se em oportunizar o acesso aos alunos dos variados gêneros textuais que circulam na esfera social, dos quais temos: relatórios, poemas, crônicas, cartazes e artigos de opinião. Reforçamos que essa unidade se encerra no tópico de compreensão do texto e funcionamento da língua em que se encontram propostas de atividades para serem resolvidas pelos alunos.

A segunda unidade está organizada por textos de escritores angolanos, os consagrados na literatura nacional, e de escritores estrangeiros, dentre os escritores angolanos temos Agostinho Neto, Jofre Rocha, José Luís Mendonça, João Maimona e Manuel Rui. Estão

contidos contos e poemas desses autores mencionados. Ressaltamos que nessa unidade tem propostas de atividades de compreensão e funcionamento da língua.

Na terceira e última unidade do livro didático encontram-se textos diversificados de gêneros em que aparecem contos, romances, novela, crônica literária e entrevistas, os escritores angolanos, nomeadamente: José Luandino Vieira, Manuel Rui e Roderick Nehone. Nessa unidade igualmente há presença dos tópicos de compreensão e funcionamento da língua.

No tópico seguinte, traremos a análise e discussão dos dados coletados no livro didático analisado.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção é destinada à apresentação dos resultados e discussões obtidas na pesquisa a partir dos procedimentos descritos na seção anterior. Para este propósito, retornamos ao objetivo geral do estudo que visa analisar como as questões da variedade do português angolano estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª classe do ensino secundário adotado em Angola.

Os pontos analisados no livro didático limitam-se nos níveis de variabilidade do português angolano, o tratamento das regras gramaticais em contexto variação linguística e mencionar, no livro didático, as influências das línguas nacionais existentes no país observadas em textos e atividades.

Como frisamos na metodologia do trabalho, primeiramente observamos o livro didático que objetiva analisar como as questões da variedade do português angolano estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª classe do ensino secundário adotado em Angola.

Para tanto, analisou-se os níveis de variabilidade do português angolano. Em relação a isso, coletamos a variedade do português angolano em quatro textos dos escritores angolanos: José Luandino Vieira, Manuel Rui e Roderick Nehone e a escritora estrangeira Cristina Margato.

A pesquisa observou que os níveis de variabilidade do português angolano estão em vários textos: “A malta gramou bué”, página 31; “Um jovem de 20 anos”, página 75; “A renúncia impossível”, página 105; “Zito Makoa. Da 4ª. classe”, página 154, “O ano do Cão”, página 179 e “Mulato de sangue azul” página 161. Estes textos debatem questões que dão-se em contexto angolano como as experiências vivenciadas na escola, as situações típicas que advém dos bairros periféricos e das aldeias do país.

Feito isso, constatamos que no livro didático nos níveis de variabilidade estão presentes nas variações lexicais e semânticas. Apesar disso, o livro didático não tem explicação clara que faça entender as palavras encontradas do português angolano, como se observar no quadro (1) abaixo:

Quadro 1 – Variedade lexical do português angolano

VARIEDADE LEXICAL DO PORTUGUÊS ANGOLANO	SIGNIFICADO	TEXTO
Bué	Muito	A malta gramou bué
Barato	Preço acessível ou promoção	Um jovem de 20 anos
Candongueiros	Táxis	O ano do cão
Catololoto	Doença	Zito Makoa. Da 4ª. Classe
Comboio	Meio de transporte	Mulato de sangue azul
Gaja	Mulher	A malta gramou bué
Gajo	Homem	A malta gramou bué
Ginguba	Amendoim	Zito Makoa. Da 4ª. Classe
Mato	Aldeia ou zona rural	A renúncia impossível”
Míúdo	Criança	Zito Makoa. Da 4ª. Classe
Musseque	Bairros periféricos	Zito Makoa. Da 4ª. Classe
Rebitas	Danças	Mulato de sangue azul

Fonte: adaptado pelo autor a partir dos dados coletados em Magalhães e Costa (2012).

Olhando para o quadro (1), percebemos que os termos “barato” e “candongueiros” são utilizados também no Brasil, o primeiro significa preço acessível e o segundo tambor de percussão, além de gajo que também faz parte da variante portuguesa. As demais expressões acima apresentam valores semântico ligados ao contexto angolano, de modo que fora dele, torna-se difícil de serem compreendidos. Portanto, acreditamos que não fazem parte de outras variedades do português e fazendo com que o português expressado na região angolana tenha identidade própria.

A despeito disso, o livro didático não explicita os termos adequadamente, entendemos que talvez porque já seja de conhecimento dos alunos. Assim, frisamos que estas palavras pertencem ao português angolano e não de outra variedade da língua, no qual reflete a realidade linguística dos alunos, sendo que não deveria passar despercebido, sem nenhuma nota explicativa. Dessa maneira, é necessário que os alunos tenham noção de como essa variedade está contida no livro e, que conheçam também a origem das palavras e os significados que dela provêm.

Foram observadas doze (12) palavras da variedade do português angolano, um percentual pequeno de expressões do PA, uma que vez tirando os contos, romance e poemas dos escritores angolanos e de dois escritores estrangeiros, as demais temáticas não contém o português angolano.

No que toca ao objetivo de nossa pesquisa, de como são tratadas as regras gramaticais em contexto de variação linguística, inicialmente analisamos a percepção. Depois da análise da variabilidade do português angolano, no que toca ao segundo objetivo específico de como são tratadas as regras gramaticais em contexto de variação linguística, selecionamos (4) quatro atividades propostas para análise elaboradas através dos textos dos escritores angolanos Agostinho Neto, Jofre Rocha e José Luís Mendonça para observarmos como exemplos.

As atividades propostas tiveram como base os textos dos escritores angolanos com os seguintes títulos: ‘Poetas do século XX’, página, 94 ‘Antigamente era’, página, 96 ‘A renúncia impossível’, página 99; ‘Não vale a pena pisar’, página, 106. Reparamos que são atividades superficiais que estimulam a decorar aspectos que envolvem os elementos gramaticais. Quanto à variedade angolana, observamos que apenas no texto ‘A renúncia impossível’ tem-se presença de variação na expressão ‘Mato’, que significa ‘Aldeia’ em Angola. No entanto, a variação não foi abordada na questão.

Nesse sentido, nos quadros abaixo ilustramos as atividades propostas que trazemos como exemplo:

Quadro 2 – Atividades de compreensão e funcionamento da língua

Justifica a utilização do nome próprio “África” como nome comum, no plural (áfricas).
Comente a expressividade do adjectivo “emaranhadas”.
<p>Funcionamento da língua</p> <p>1. Indica a função sintática da expressão sublinhada em cada uma das seguintes frases:</p> <p>a) Eu acompanho-vos, <u>negros de todo o mundo</u>.</p> <p>b) O poeta dirige-se <u>aos negros de todo o modo</u>.</p> <p>c) A música <u>dos negros de todo o mundo faz-se ouvir</u>.</p> <p>d) <u>Os negros de todo o mundo</u> são meus irmãos.</p> <p>Os meus irmãos são <u>os negros de todo o mundo</u>.</p>

Fonte: adaptado pelo autor a partir dos dados coletados em Magalhães e Costa (2012).

Como se observa no quadro (2), atividade tem o texto base do escritor angolano Agostinho Neto, intitulado ‘Poetas angolanos do século XX’. A atividade acerca das questões gramaticais prenda-se apenas aos exercícios da metalinguagem e não se atentam por um olhar reflexivo ao trabalhar com a língua, de modo que não estimula o aprendizado aos alunos e fica evidente que o ensino da língua é baseado exclusivamente na memorização das nomenclaturas gramaticais.

Reparamos também que os exercícios exigem dos alunos que justifiquem, comentem e indiquem através de características dos itens gramaticais. Em contraponto essa visão, Antunes (2014) explica que o ensino de gramática é necessário ser contextualizado, valorizando os usos linguísticos orais e escritos.

Concordamos que a escola ensine a gramática, em função de ajudar no aperfeiçoamento da competência oral e escrita dos alunos, entretanto não precisa ser o único assunto para o aprendizado dos alunos, dá-se de modo excessivo, sendo fundamental que a escola torne o ensino interessante e não uma aprendizagem defasada.

Quadro 3 – Atividade compreensão e funcionamento da língua

1. Refere o valor do conector (“Mas”) que as separa.
2. Identifica os tempos verbais utilizados nos dois momentos
3. Justifica o emprego, no primeiro momento, de dois tempos verbais do passado diferentes.
4. Sinaliza os advérbios de tempo que remetem para o primeiro momento.
5. “Antigamente era tudo sonho de criança” a) Analisa morfológicamente a frase que constitui este verso. b) Faz, agora, a sua análise sintáctica c) Substitui a expressão de criança por um adjetivo

Fonte: adaptado pelo autor a partir dos dados coletados em Magalhães e Costa (2012).

Conforme se pode compreender no quadro (3), a segunda atividade não se diferencia da primeira, inclusive tem o texto base do escritor angolano Agostinho Neto, intitulado ‘Antigamente era’. Nesse sentido, é uma atividade com enfoque de trabalhar com exercícios sob a perspectiva da gramática tradicional, fragmentados e descontextualizados da realidade linguística dos alunos e acaba por não realçar a variação linguística, não contemplando o cenário da realidade linguística angolana.

Por ser atividade tirada do texto de um escritor angolano, não teria de se prender nas questões de metalinguagem como identificação, justificação e análise de frases soltas, que obriga a decorar as regras gramaticais para que os alunos tenham êxito no processo de resolução dos exercícios.

Isso demonstra que a educação de Angola vivência um ensino obsoleto, que cria um afastamento da língua portuguesa para com os alunos, pela forma como é ensinada. Outrossim, os aprendentes têm de se identificarem com a sua língua e não um ensino que em

pouco subsidia na atuação com língua em diversos espaços sociais. A seguir, passamos a mais uma atividade.

Quadro 4 – Atividade de compreensão e funcionamento da língua

1. O título e o subtítulo anunciam o tema do poema. Indica-o				
a) completa o quadro abaixo com advérbios, nomes, verbos,				
Advérbios	Nomes	Verbos	pronomes	conjunções
2. Pronomes e conjunções que reforçam a ideia de negação/renúncia				
3. Comenta a utilização do adjectivo impossível no título do poema.				

Fonte: adaptado pelo autor a partir dos dados coletados em Magalhães e Costa (2012).

A terceira atividade do quadro (4), se assemelha a atividade anterior (3) inclusive tem a mesma autoria. O texto intitulado ‘A renúncia impossível’ tem como finalidade ensinar os elementos gramaticais, ou seja, pede para completar e comentar. Sendo assim, interpreta-se que nas aulas de língua portuguesa, o único assunto a ter em conta é o trabalho com base na gramática normativa.

Isso demonstra a falta de compromisso em trabalhar a variação linguística, sendo uma temática que pouco importa para o conhecimento e a desenvoltura dos alunos, promovendo dessa forma a exclusão social dos alunos que vêm de realidades linguísticas desfavorecidas.

O adequado seria atividades à luz da sociolinguística educacional que proporcionam aos alunos em sala de aula e fora a dominar as diferentes manifestações linguísticas, ensinar os conteúdos relativamente à gramática de forma equilibrada e não se dar de modo excessivo como verificou-se.

Por fim, traremos um último exemplo de atividade proposta a partir de textos de escritores angolanos.

Quadro 5 – Atividade de funcionamento da língua

<p>1. Como classifica as palavras “queimada”, “desaparecer”, “chuvada” e “reviver” quanto ao processo de formação? Escolha a resposta correta: São todas derivadas por sufixação.</p> <p>a) “Queimada” e “desaparecer” são derivadas por sufixação; “chuvada” e “reviver” são derivadas por prefixação.</p> <p>b) “Queimada” e “reviver” são derivadas por sufixação; “chuvada” e “desaparecer” são derivadas por prefixação.</p> <p>c) “Queimada” e “chuvada” são derivados por sufixação; desaparecer e reviver são derivadas por prefixação.</p> <p>d) São todas derivadas por prefixação.</p>
<p>2. Classifica morfologicamente a palavra “queimada” no verso – “com a pujança da <u>queimada</u>”</p>
<p>3. Escreve uma frase em que “queimada” pertença a outra classe gramatical.</p>

Fonte: adaptado pelo autor a partir dos dados coletados em Magalhães e Costa (2012).

Conforme mostrado no quadro (5), a atividade concebida no texto base do escritor angolano Manuel Rui, intitulado ‘Não vale a pena pisar’ é uma atividade predominante de classificar e identificar a qual grupo gramatical uma palavra pertence, como vimos acima. Como podemos observar, detêm só uma percepção da língua, a norma padrão, a única aprovada e tudo que não esteja de acordo é caracterizado como erro, uma vez que viabiliza a variação linguística, pois para esta concepção é inexistente. É preciso esclarecer que é uma atividade mecânica que pouco propicia a ampliação do repertório linguístico dos alunos, já que são pedidos para classificar e identificar, ao invés de também refletir no que tocante a variação linguística, não assinala a sua utilidade, contextos de ocorrências e que são empregados.

As atividades aqui elencadas apontam para o enfoque do ensino tradicional da gramática, ainda vigente no ensino de LP em Angola, pois tratam apenas das questões que estão relacionadas aos itens gramaticais, não abrangendo a variação linguística e as particularidades da variedade do português angolano, de uma forma que poderia abranger a variação linguística e interligar os exercícios com o contexto dos alunos.

Quanto às atividades, observamos que são repetitivas ao longo do livro, com o foco apenas para a gramática e sem se preocupar em desenvolver o senso crítico dos alunos, os exercícios são superficiais de frases soltas e o tópico o bloco informativo funciona para consultar os itens gramaticais. Após isso, as apreciações que observados nos textos escritores

já mencionados, A seguir vamos apontar como são mencionadas, no livro didático, as influências das línguas nacionais existentes no país.

No que tange ao terceiro objetivo específico, de apontar como são mencionados, no livro didático, as influências das línguas nacionais que existem no país, percebemos que há predominância da língua nacional Kimbundu, falada nas províncias do Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Luanda e Malanje, de acordo com (INE, 2016). Observamos, portanto, um número, embora reduzido, de palavras provenientes do Kimbundu⁵, como ilustra o quadro abaixo com as palavras e seus respectivos significados em português.

Quadro 6 – Língua nacional

Língua nacional Kimbundu	Significado em português
Cambuta	Pessoa de pequena estatura física
Cubata	Casa
Maka	Problema
Quicuérria	Farinha com açúcar
Monandengue	Criança
Massembe	Dança
Bassula	Queda

Fonte: adaptado pelo autor a partir dos dados coletados em Magalhães e Costa (2012).

Nesse sentido, existem ausências das outras línguas e o Kimbundu está representado superficialmente como poucas palavras, já que aparecem em dois textos, comumente em contos que retratam as situações próprias das zonas rurais do país em equivalem a nomes de pessoas e lugares em português. Assim, temos o primeiro texto intitulado “Zito Mokoá, Da 4ª classe”, presentes nas páginas 154 a 156, do escritor José Luandino Vieira e o segundo ‘Quem me dera ser onda’, que se encontra na página 172, de autoria de Manuel Rui.

As palavras da língua Kimbundu de origem angolana encontram-se sem notas explicativas e sem nenhuma atividade que retome ou discuta tais palavras. É pertinente também considerarmos que o livro didático não tem a intenção de que os alunos aprendam as línguas nacionais, até porque é livro de língua portuguesa, mas as influências das línguas nacionais poderiam ser mais bem exploradas, já que fazem parte da composição da variedade angolana do português.

⁵ A origem das palavras aqui elencadas é de uso cotidiano em Angola, razão pela qual tem-se o conhecimento de sua origem. Contudo, fez-se uma pesquisa, sobretudo na internet disponível em: [Expressões de Angola | BUALA](#). Acesso em: 27. Mar.2022, além de consultas a indivíduos que têm domínio da língua Kimbundu e que residem em Luanda.

Perante o exposto, acreditamos que o motivo de só ter a presença da língua nacional Kimbundu no livro didático, é por ser a língua nacional que mais empréstimo tem dado e influenciado o português angolano de acordo (ZAU, 2011). Ressaltamos ainda que essas expressões estão presentes no livro, sem qualquer explicação de modo a apresentar o que significa em português ou nota prévia que permita o reconhecimento que pertencem ao léxico da língua Kimbundu, por isso há necessidade de que sejam explicados de como estão contempladas e incluam as demais línguas nacionais.

Com base na nossa análise, observamos que no livro didático, a variação lexical do português angolano consta de palavras, das quais duas delas aparecem em outras variedades do português. Temos o termo “gajo” que também faz parte do português de Portugal (PE) e o termo “candongueiros” que existe no português brasileiro (PB), embora com significado diferente do utilizado no contexto angolano.

Além disso, constatou-se que o livro didático prioriza abordagem pedagógica com base na gramática tradicional do português europeu e que as propostas de atividades se centralizam apenas em questões gramaticais, porém deveria abranger a variação linguística, visto que se encontram textos dos escritores angolanos.

No que toca à presença das línguas africanas e a influência do léxico dessas línguas, constatamos que só há presença da língua nacional Kimbundu, de origem bantu, em dois textos, em contos gênero textual contos dos escritores angolanos, embora que estão de modo superficial, sem preocupação de trazer uma abordagem mais aprofundada quanto a elas.

Após análise apresentada, constatamos que o livro didático não aborda sobre a variação linguística, apesar que encontramos expressões dão a entender que estamos em presença de variação lexical, prioriza uma abordagem pedagógica com base na gramática do português europeu e apenas a presença da língua nacional kimbundu excluindo as demais línguas nacionais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida neste trabalho objetivou analisar como as questões da variedade do português angolano estão sendo abordadas no livro didático da língua portuguesa da 10ª Classe do ensino secundário adotado em Angola. Para isso, analisamos o livro didático ‘Língua Portuguesa - 10ª classe’ de Olga Magalhães e Fernanda Costa.

Acentuamos que, após as discussões e análise desse estudo, notou-se que a variedade do português angolano, de modo geral, está sendo abordada de forma superficial, não

evidenciam informações precisas a respeito do português angolano. É relevante que o português angolano seja abordado de forma explícita, em razão de que a língua carrega em si traços culturais que podem ser percebidos na variedade da língua que se faz uso.

Em relação ao objetivo de descrever os níveis de variabilidade do português angolano, concluímos que elas estão presentes, sobretudo, nas variações semânticas e lexicais, no total de (12) doze palavras que refletem a realidade linguística do português falado em Angola. As palavras apresentadas são próprias do português falado em Angola. Não obstante, no livro didático não existe nenhuma discussão, nem tópico que aborda a respeito da variação linguística ou da variedade específica do PA.

Assimilamos, ainda, que o material didático privilegia abordagem com base na gramática tradicional do português europeu, isso foi visto nas propostas de atividades que tiveram textos base dos escritores angolanos. Diante desse cenário, é perceptível a não consideração da variação linguística, observamos também que nos exercícios de propostas das atividades estão concentradas de forma excessiva nos itens gramaticais e na noção de “erro” na língua.

No que concerne ao objetivo de apontar como estão mencionadas as influências das línguas nacionais existentes no país, os dados mostram apenas a língua nacional Kimbundu, observados em dois contos de autoria de escritores angolanos, com (8) oito expressões da língua Kimbundu. Entendemos que só a presença dessa língua nacional se deve por ser a que mais empréstimo tem dado e influenciado o português angolano. Considerando a quantidade de línguas nacionais existentes no país, podemos concluir que a diversidade linguística angolana e sua influência no PA é apagada no material didático de ensino de LP.

Com relação às ausências encontradas, destacamos que as palavras aparecem nos textos, o que daria para introduzir a temática da variação linguística e da variedade do PA, no entanto essas palavras estão presentes sem notas explicativas prévias ou qualquer abordagem a respeito delas, de modo que impossibilita a compreensão para aqueles que não a falam e deixando as demais línguas nacionais de fora. É preciso considerar que nem todos os falantes angolanos têm o português como a primeira língua, assim como nem todos têm conhecimento da língua Kimbundu.

Por fim, concluímos que o livro didático de ensino de LP em Angola não aborda a variação linguística e não se detém à variedade da língua portuguesa utilizada no país, embora seja possível encontrar algumas marcas de forma pontual. De igual modo, as línguas nacionais e as influências destas na LP não são sequer mencionadas, na maior parte, quando se trata do

ensino da LP, o que corrobora a ideia da preferência pelo ensino da variedade europeia, baseado nas normas gramaticais.

Finalizamos conscientes da limitação deste trabalho e pretendemos desenvolvê-lo em estudos futuros de forma a focar os demais tipos de variação em busca de descrever o PA e englobar livros e outros materiais didáticos e, assim, despertar interesse aos pesquisadores da linguística e áreas afins para que mais pesquisas sejam realizadas com foco na descrição do português angolano.

REFERÊNCIAS

ANGOLA. **Lei de Base do Sistema de Ensino** nº17/16 de 7 de outubro. Luanda: Imprensa Nacional, 2016.

ANGOLA. **Constituição da República de Angola**. Luanda: Assembleia Nacional, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola, 2014.

ANTUNES, Irandé. O Léxico da língua. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo/Parábola Editora, 2012.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.

BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. In.: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. N.32, 2017, p.39-54.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CABRAL, Lisender Augusto Vicente (2005), **Complementos Verbais Preposicionados do Português em Angola**, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2005. p. 5.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

INE. **Resultados Definitivos do Recenseamento geral da população e da habitação de Angola**. Censo 2014. Luanda: Instituto Nacional de Estatística. 2016.

INVERNO, L. A transição de Angola para o português: uma história sociolinguística. In: TORRALBA, L. R.; PIMENTA, F.T.; SOUSA, J. S. (Org.). **Comunidades imaginadas: nação e nacionalismos em África**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008. p.1-19.

KIALANDA, Sozinho Kialunda ; TUMUA, K. S. ; BENGUI, M. P; TIMBANE, A. A. .O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios. **Versalete**, v. 7, p. 73-92, 2019.

MAGALHÃES, Olga.; COSTA, Fernanda. **Língua Portuguesa** – 10ª classe. Porto Editora, 2012.

NUNES, Ticiane Rodrigues. **Língua(gem) e cultura: um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará**. Tese de Doutorado. Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – Ceará, 2018

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

QUIVUNA, Manuel. **Lexicologia aplicada ao ensino do léxico em português língua não materna estudo de caso: escola do 2º ciclo da cidade do wizi**. Tese de doutorado. Universidade Nova Lisboa, 2013.

SPINASSÉ, Karen. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Contingentia**. Porto Alegre. Vol. 1, n. 1 (nov. 2006), p. 1-8 2006.

TIMBANE, Alexandre António; SANTANA, Yuran. F. D; AFONSO, E. V. S. **A cultura hip-hop e os angolanismos léxico-semânticos em Yannick Afroman: a língua e a cultura em debate**. **Afluente**, UFMA/Campus III, v.4, n.12, p. 104-128, mai./ago. 2019.

TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio. **Português de/em Angola: Peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. Opção editora: São Paulo, 2021.

SANTANA, Yuran . Fernandes. Domingos . **A influência das línguas do grupo bantu na emergência do léxico do português angolano**. Monografia de conclusão de curso. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

UNDOLO, Márcio. **Língua Portuguesa: subsídios para o seu ensino em Angola**. Luanda: Centro de Língua Portuguesa ECO7, 2019.

UNDOLO, Márcio. **A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo**. Caxito: Copyright ESP-Bengo, 2016.

UNDOLO, Márcio. **Caracterização da norma do português em Angola**. Tese de doutorado. Universidade de Évora, 2014.

ZAU, D. G. D. **A Língua Portuguesa em Angola:** um contributo para o estudo da sua nacionalização. 2011. 204 f. Tese de doutorado apresentado a Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Covilhã, 2011.

ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.